

# Trabalhar os animais, trabalhar *com* os animais: reflexões etnográficas sobre bem-estar animal em fazendas de criação de gado de corte

Working *the* animals, working *with* animals:  
ethnographic reflections on animal welfare in beef  
cattle breeding farms

Graciela Froehlich

Mestre em Ciências Sociais  
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM  
Doutoranda em Antropologia Social  
Universidade de Brasília – UnB  
E-mail: [gracielafr@gmail.com](mailto:gracielafr@gmail.com)

## Resumo

A industrialização da pecuária – que intensifica a pressão produtiva sobre humanos e animais (Porcher 2004) – motivou, nos últimos anos, exigências em prol de práticas de bem-estar animal em frigoríficos, granjas e fazendas de criação de bois, porcos e galinhas. Através de cursos e capacitações, vaqueiros e demais trabalhadores da cadeia produtiva da carne são treinados a manejar *racional e humanitariamente* os animais com os quais se relacionam cotidianamente. Busco desenvolver neste artigo alguns desdobramentos de meu trabalho de campo em fazendas de criação de gado de corte que invocam o bem-estar animal como um sinal distintivo do trabalho e dos animais nelas criados. Interessada nas conexões e engajamentos entre humanos e animais a partir da ideia de bem-estar animal, trago à reflexão algumas experiências para se pensar o trabalho de humanos e animais neste contexto.

**Palavras-chave:** bovinocultura; bem-estar animal; relações humanos e animais.

## Abstract

The industrialization of livestock - which enhances the productive pressure on humans and animals (Porcher 2004) – led, in recent years, requirements in favor of animal welfare practices in slaughterhouses and farms of cattle, pigs and chickens. Through courses and training, cowboys and other workers in the meat production chain, are trained to handle rationally and humanely the animals with they which relate daily. I try to develop in this article some consequences of my fieldwork on farms of beef cattle breeding that call on animal welfare as a distinctive sign of labor and animals created them. Interested in the connections and commitments between humans and animals from the idea of animal welfare, I bring to the reflection some experiences to think about the work of humans and animals in this context.

**Keywords:** livestock; animal welfare; human-animal relations.

Uma placa exposta no curral de manejo<sup>1</sup> comunica aos visitantes uma especificidade do trabalho desenvolvido na fazenda: “*aqui se aplica o manejo: ‘bem estar animal’*”. A placa sugere que nos limites da fazenda se maneja, trabalha, lida, mexe com o gado de corte<sup>2</sup> de um jeito diferente, um jeito que, conceitualmente, visa proporcionar melhores condições de vida aos animais humanos e aos não-humanos que ali vivem e trabalham. Trabalhar é o que se faz na fazenda e falar sobre trabalho é muito do que se faz também nas horas vagas. Acerca dessa experiência – trabalho em fazendas com bem-estar animal – busco refletir nos parágrafos que se seguem.

Bem-estar animal<sup>3</sup> diz respeito a boas práticas, *racionais e humanitárias*, no trabalho com os animais. “Humanitário” e “racional” são os adjetivos utilizados para qualificar o padrão de tratamento e as inovações técnicas – cientificamente orientadas – relacionadas ao bem-estar animal. Ambos dizem respeito ao provimento de melhores condições nas instalações em que são mantidos os animais, seja em fazendas, zoológicos ou residências, bem como às relações que mantêm tratadores e animais. Medidas de bem-estar animal para o os animais criados para

<sup>1</sup> O curral é o espaço no qual o gado é *trabalhado*, onde são feitas as vacinas, colocados os brincos e feitas as marcações com ferro quente. É um espaço importante da fazenda e entrarei em maiores detalhes sobre ele mais adiante

<sup>2</sup> Leal (2011, 2014), distingue o gado de corte do gado de elite. Para a autora, não se trata apenas de que o primeiro é criado com vistas a sua carne e couro e o segundo com fins reprodutivos. O mercado do gado de elite e aquele do gado de corte, embora em permanente relação, mantêm distintas formas de comércio e produção e, enquanto o segundo investe em *genética* para produzir animais de carne mais macia, o primeiro caracteriza-se pela produção de animais com *genealogia*, raros e que atingem preços milionários (Leal 2011: 1).

<sup>3</sup> O debate atual na esfera dos direitos animais tem se polarizado entre aqueles que defendem o fim de todo e qualquer uso humano dos animais e aqueles que propõem melhorias nas suas condições de vida e de morte, sem contanto, eliminar seu uso: libertacionistas/abolicionistas e bem-estaristas, respectivamente. Defensores do bem-estar animal não se contrapõem nem ao uso, nem à morte dos animais, desde que seja respeitado o princípio de minorar o sofrimento e melhorar as condições de vida e de morte dos mesmos. Por seu turno, os defensores do abolicionismo protestam pelo fim da exploração humana dos animais, seja em termos de alimentação, vestuário, experimentação científica, entretenimento, enfim, quaisquer atividades que possam provocar sofrimento, constrangimento e morte aos animais.

a produção de carne<sup>4</sup> exigem gaiolas, chiqueiros e estábulos maiores, pavimentos que evitem ferimentos, áreas de sombreamento e descanso, sempre levando em consideração as particularidades da espécie, de forma a que esses animais sintam-se livres, ou, pelo menos, o mais livres possível para expressarem seus *comportamentos naturais*<sup>5</sup>, ainda que em ambientes *não naturais*, como gaiolas, caminhões, abatedouros, etc.

Tais práticas visam garantir a promoção e a preservação das “Cinco Liberdades” inspiradas no relatório do Comitê Brambell (1965) e criadas e difundidas pelo Farm Animal Welfare Committee (FAWC): os animais devem estar livres de fome e de sede; livres de desconforto; livres de dor, de maus-tratos e de doenças; livres para expressar seu comportamento natural e livres de medo e de tristeza. Em uma de suas definições científicas mais difundidas, “bem-estar animal” diz respeito às condições de adaptação dos animais ao ambiente em que vivem (Broom 2005). Além disso, tomado em sentido amplo, bem-estar diz respeito também ao bem-estar dos humanos que trabalham com esses animais: objetiva-se um bem-estar comum.

Conforme já apontado por outros estudos (D’Almeida 2012; Sordi 2013) o bem-estar animal se insere no quadro mais amplo de um modelo de desenvolvimento capitalista recente, qualificado como “sustentável” ou “verde”. Além disso, iniciativas de bem-estar animal acompanham a crescente industrialização das atividades pecuárias, em que, “entre criação de animais e “produção animal”, o trabalho da pecuária foi quase reduzido exclusivamente a sua racionalidade econômica” (Porcher 2004: 36). No caso dos confinamentos de gado essa racionalidade econômica da produção de carne *commodity* – que perpassa, obviamente, pela relação com bois e vacas – parece ficar ainda mais patente. Proponho assim, refletir sobre a inserção de elementos de bem-estar animal nas práticas de trabalho cotidianas a partir de meu trabalho de campo realizado em um destes confinamentos de gado, localizado no estado do Mato Grosso, estado com o maior efetivo de gado bovino, mais de 28 milhões de cabeças (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2012) e segundo maior exportador de carne bovina do Brasil (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2014). Antes de adentrar propriamente nas questões etnográficas, apresento uma breve contextualização da noção de bem-estar animal, enfatizando suas bases científicas e os aspectos econômicos a ela associados.

## O bem-estar animal e a industrialização da pecuária

De acordo com o relatório do Comitê Brambell (1965), a intensificação dos métodos de produção animal deveu-se a pressões econômicas sobre os pecuaristas. Precisou-se produzir em maior quantidade ao mesmo tempo em que se impunha a necessidade de economizar terra e força de

<sup>4</sup> Bem-estar animal é uma categoria abrangente, que diz respeito também aos animais de companhia, aos animais selvagens, aqueles mantidos em cativeiro nos zoológicos, e aos animais que vivem nas ruas.

<sup>5</sup> São os estudos de etologia que definem os comportamentos naturais que devem ser respeitados por medidas de bem-estar animal. Particularidades das espécies mobilizam técnicas diferenciadas no intuito de favorecer a expressão deste comportamento natural e evitar o uso da força no trabalho com os animais. É assim que os vaqueiros e os trabalhadores dos frigoríficos, por exemplo, são instruídos a respeitar, por exemplo, a “zona de fuga” dos animais, definida como “a distância mínima que o animal permite a aproximação de humanos antes de iniciar o deslocamento (fuga)” (Costa & Rosa 2009). O estabelecimento de hierarquias, o comportamento gregário, os temperamentos diferenciados de machos e fêmeas também devem ser levados em consideração pelos manejadores, que devem, em função dessas características, evitar a mistura de machos e fêmeas, evitar a constituição de lotes excessivamente grandes para o embarque nos caminhões e também evitar a mistura de lotes (a reunião em um mesmo espaço de animais que não conviveram anteriormente).

trabalho. Alguns dos métodos empregados nessa aceleração da produção geraram controvérsias, e o relatório afirma que foram pressões sociais que forçaram uma reavaliação de determinadas práticas que se tornaram, aos poucos, inaceitáveis para os consumidores. A necessidade de anestesia para a retirada dos chifres do gado bovino e para a castração de bois e porcos foram apontados pelo relatório do Comitê Brambell como exemplos de avanço nos cuidados com o bem-estar animal.

Entre as definições mais difundidas de bem-estar animal está aquela desenvolvida pelo comitê Brambell, na Inglaterra, e publicada em 1965, um ano após a publicação de *Animal Machines*, de Ruth Harrison. Esta última obra denunciava situações de exploração e abusos contra os animais criados com fins alimentares. O comitê, integrado por zoólogos – como o professor Francis William Rogers Brambell<sup>6</sup> – veterinários, etólogos e representantes do Ministério da Agricultura da Inglaterra, foi encarregado de analisar as condições em que eram criados os animais em sistemas de pecuária intensiva<sup>7</sup> – aqueles aos quais se dirigiam, em especial, as críticas de Ruth Harrison –, e apontar as soluções para os problemas encontrados.

De acordo com o relatório, bem-estar é um termo amplo, que diz respeito tanto às condições físicas quanto mentais dos animais (Brambell 1965: 9). À época – e em diferentes contextos, ainda hoje – o bem-estar dos animais estava diretamente relacionado a índices de produtividade, tais como ganho de peso e taxa de postura de ovos, para o caso de galinhas poedeiras, por exemplo. Uma leitura positiva ou negativa era feita, portanto, somente a partir do rendimento desses animais. Mas o relatório apontou que, por vezes, um crescimento acelerado é antes o sintoma de alguma disfunção do que um sinal de saúde dos animais e deve ser analisado conjuntamente com outras variáveis, como a qualidade da plumagem, o brilho nos olhos e a satisfação ou alegria expressada pelos mesmos. Entram no cálculo de bem-estar os sentimentos e as emoções dos animais.

O conhecimento, sobretudo comportamental dos assim chamados animais de produção, tornou-se um aliado tanto dos pecuaristas quanto dos demais elos das diferentes cadeias produtivas que envolvem animais na sua composição. O desenvolvimento de indicadores para a avaliação do bem-estar dos animais ganhou força através dos trabalhos de Donald Broom, neurocientista na universidade de Cambridge. A capacidade adaptativa dos animais – base de sua definição de bem-estar – é passível de mensuração, e sua qualidade pode oscilar, segundo o autor, entre um polo “muito bom” e outro polo “muito pobre” (Broom 1991). Bem-estar animal, no entender de Broom (1991: 4174), não envolve somente os sentimentos subjetivos dos animais, mas depende do conhecimento das suas preferências, e, ao tomá-las como base, pode-se proporcionar melhorias nas condições de adaptação e, conseqüentemente, em seu bem-estar.

As emoções dos animais ganham maior relevo no trabalho desenvolvido por Temple Grandin<sup>8</sup>. Na obra *O bem-estar dos animais*, Grandin & Johnson (2010) defendem a centralidade das emoções

<sup>6</sup> Brambell foi diretor do Comitê e professor da *University College of North Wales*, em Bangor, Inglaterra.

<sup>7</sup> O relatório distingue pecuária intensiva da chamada pecuária industrial, embora sua pesquisa remeta a ambas as modalidades. A primeira diz respeito à manutenção de animais em confinamento, sejam eles aves, porcos ou bois. A produção industrial requer altos níveis de automação e é realizada em grande escala, diferentemente da pecuária intensiva, que pode ser realizada em pequenas propriedades (Brambell 1965).

<sup>8</sup> Temple Grandin é professora e pesquisadora na Universidade do Colorado, nos Estados Unidos, e é uma das principais referências na área de bem-estar animal e abate humanitário. É autora de vários livros e artigos, entre os quais *O bem-estar dos animais*, juntamente com Catherine Johnson e *A língua dos Bichos*, bem como de tecnologias em prol do bem-estar dos animais para fazendas e abatedouros. O filme “Temple Grandin”, produzido pela *HBO Films* e lançado no ano de 2010, colaborou para aumentar a popularidade da pesquisadora, apresentada também

na promoção e avaliação das condições de vida dos animais: “[...] minha teoria<sup>9</sup> é que o ambiente em que os animais vivem deve ativar as suas emoções positivas tanto quanto possível, e não as negativas mais do que o necessário.” (Grandin & Johnson 2010: 9). Devem ser evitadas situações que provoquem raiva, medo e pânico nos animais e estimuladas as emoções relacionadas ao brincar e à busca<sup>10</sup>. Toda a teoria desenvolvida pelas autoras nessa obra parte da premissa de que os animais possuem os mesmos centros de emoções básicas no cérebro que os humanos e que têm, portanto, o mesmo objetivo, qual seja, sentirem-se bem, usufruírem de emoções positivas e não sofrerem com as negativas.

O enriquecimento ambiental é a alternativa proposta para aqueles animais que não vivem no ambiente considerado como natural, ou próprio da espécie, como chiqueiros, currais e galinheiros. Tais recintos, quando muito pequenos, pouco arejados e superlotados tendem a provocar nos animais comportamentos estereotípicos, definidos por Grandin como “comportamentos anormais repetitivos, invariáveis [...] e aparentemente sem motivo” (Grandin & Johnson 2010: 10), como lambe as cercas dos currais, mastigar sem haver alimentos na boca, girar em torno do próprio corpo. Tais estereotípias manifestam condições em que o bem-estar desses animais encontra-se prejudicado e tornam-se indexadores utilizados pelos técnicos para detectar estados de estresse<sup>11</sup> e, portanto, de ameaça ao seu bem-estar e à qualidade da carne e da carcaça.

O relatório do Comitê Brambell, a teoria e as inovações tecnológicas de Temple Grandin e os conceitos e parâmetros estabelecidos por Donald Broom estão entre as principais referências quando se fala em bem-estar animal no Brasil. A partir de um diagnóstico negativo das condições em que vivem os animais de produção, principalmente nos sistemas industriais, medidas de bem-estar são propostas e aplicadas no sentido de minimizar a dor e o sofrimento dos animais. Aos pecuaristas é enfatizado o potencial ganho econômico da implantação das práticas de bem-estar animal, argumento articulado a preocupações de ordem sanitária, que visam assegurar carne e carcaças de qualidade. É o que parece deixar bastante claro o boletim informativo sobre bem-estar animal no Brasil distribuído pelo Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA):

Assim, o bem-estar animal pode ter relevante impacto econômico na produção agropecuária. Ao adotar esses princípios é possível contribuir para o aumento da produtividade e da lucratividade da cadeia produtiva e colaborar para melhoria

---

como exemplo de vida e de superação. Sua condição de autista é apresentada como a razão de uma capacidade singular em se colocar no lugar dos animais, sentindo os medos e sofrimentos a que ficam expostos, especialmente, nos caminhos dos abatedouros.

<sup>9</sup> Embora o livro seja de autoria dupla, seu texto encontra-se na primeira pessoa do singular.

<sup>10</sup> A teoria das emoções que Temple Grandin desenvolve baseia-se nos estudos do neurocientista Jaak Panksepp, que defende que aos estímulos a um ou mais sistemas ou centros de emoção (como o sistema raiva ou busca) correspondem determinados tipos de comportamento (Grandin & Johnson 2010: 11).

<sup>11</sup> Para uma análise da categoria estresse no contexto do bem-estar animal ver Kirk (2014). Vale ressaltar aqui, que o estresse é um dos fatores considerados prejudiciais à qualidade da carcaça e do produto final carne, que, industrialmente, é categorizada em DFD – *dark, firm, dry* – e PSE – *pale, soft, exudative*. De acordo com informações contidas na publicação “Conhecendo a carne que você consome” da Embrapa (1999), enquanto o estresse no momento do abate é gerador de uma carne PSE (pela redução de Ph e alta temperatura muscular), os animais que sofrem estresse prolongado antes do abate – desde o transporte e o período de espera nos frigoríficos – geram, por sua vez, carnes DFD (pelo esgotamento das reservas de glicogênio e níveis elevados de Ph).

dos produtos de origem animal, além de minimizar as perdas decorrentes do manejo inadequado dos animais. (Brasil 2012).

“Menos sofrimento, mais lucro” e “sem estresse, sem prejuízo” são os títulos da reportagem especial sobre manejo racional e abate humanitário<sup>12</sup> da edição de número 701, de 2014, da publicação *A Lavoura*<sup>13</sup>. A matéria começa com a descrição das condições de vida das galinhas poedeiras no país, afirmando que 95% desses animais vivem em gaiolas de metal onde são praticamente incapazes de se mover: o espaço para cada uma delas é inferior ao de uma folha de papel. A situação dos porcos também é aflitiva, nos termos da reportagem. O corte das caudas e, em certos casos, também dos dentes dos suínos de corte em sistemas industriais são alguns dos exemplos mencionados a respeito das condições de vida dos porcos. O artigo reconhece assim, que o modelo de industrialização e intensificação da produção animal é fonte de sofrimento aos animais e que medidas alternativas a ele já estão à disposição para serem aplicadas. Mas não é só isso: além de evitar a dor e o sofrimento dos animais, a implementação de práticas de bem-estar animal traz ganhos financeiros ao produtor, e a reportagem chama a atenção para esse aspecto:

Entre os ganhos, destacam-se, a melhora na qualidade da carne e da carcaça, maior resistência às doenças, segurança dos trabalhadores e dos animais, ganho de peso, e melhor desempenho reprodutivo. O manejo adequado dos animais reduz riscos de perda na produção. (Chiappini 2014: 20).

Além disso, em função de o frigorífico não remunerar o produtor pelas partes dos animais com hematomas ou ferimentos, carcaças mais saudáveis também significam redução nas perdas na hora da comercialização. Outro aspecto evocado pela reportagem diz respeito à certificação, que vem ganhando espaço no mercado nacional e já é bastante difundida nos mercados com os quais o Brasil comercia externamente, como o Chile e a União Europeia. Nesse sentido, o bem-estar animal torna-se um valor agregado ao produto final carne, aumentando o seu valor de mercado e originando produtos “diferenciados”.

As opiniões, entretanto, não são unânimes no que se refere ao aumento da lucratividade e da produtividade proporcionada pela conformação às normas de bem-estar animal. Bem-estar animal, em termos econômicos, é considerado um valor agregado, e não necessariamente o resultado direto dos procedimentos:

O conceito de que alta produtividade só acontece quando os animais têm seu bem-estar respeitado é falsa, como será demonstrado. À medida que a sociedade passa a reconhecer o sofrimento animal como um fator relevante,

<sup>12</sup> O objetivo dessa modalidade de abate é minimizar a dor e o sofrimento animal, visando uma morte mais rápida e higiênica. Todo o processo – desde a chegada ao abatedouro, o tempo e as condições de permanência em seus domínios, a insensibilização e a sangria – visa reduzir a excitação que provoca lesões, e a percepção por parte dos animais de que em breve eles serão mortos. Diversos são os instrumentos – que variam conforme a espécie dos animais – desenvolvidos para melhorar as condições em que se dão o abate e o pré-abate, tais como os abatedouros de corredores circulares projetados por Temple Grandin, os diferentes tipos de pistolas, de câmaras de gás, de equipamentos de eletrocussão e de leitos de atordoamento.

<sup>13</sup> A edição está disponível online, no endereço eletrônico <http://www.youblisher.com/p/891076-A-Lavoura-701/>. A revista se coloca como a primeira publicação do agronegócio brasileiro, circulando desde o ano de 1987. É ligada à Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), entidade voltada para o desenvolvimento de ações políticas e educacionais voltadas para atividades relacionadas à agricultura no país.

pode-se inferir ao bem-estar animal (BEA) um valor econômico. Ao entrar o mundo da economia, o BEA passa a ser parte integrante dos cálculos do valor econômico dos produtos de origem animal. (Molento 2005: 1).

Tratando-se de animais de produção, em grande escala, produtividade e lucratividade são questões centrais, embora dimensões éticas e morais relativas à interespecificidade não escapem às questões colocadas por consumidores, por ativistas dos movimentos de direitos animais e pesquisadores. Concordando com Toschi Maciel (2009: 185),

[...] a proposta de bem-estar por ser de reforma e não de ruptura, teve boa assimilação no processo de reestruturação ecológica do mercado de alimentos, devido às possibilidades de, com novas tecnologias, minimizar o mal-estar animal, concomitantemente, a agregação de valor no produto final que gera aumento na receita.

Segundo a autora, preocupações sanitárias e econômicas se conectam à dimensão ética, produzindo uma “natureza híbrida” no conceito e nas demandas de bem-estar animal. Ênfases variadas são colocadas nestas diferentes perspectivas conforme os atores que as evocam, situando diferencialmente o foco das reivindicações no animal, na saúde humana e na lucratividade, respectivamente (Toschi Maciel 2009).

## O confinamento

Os grandes confinamentos de gado de corte adquirem expressividade em território nacional a partir da década de 1980 (Moreira, Thomé, Ferreira & Botelho Filho 2009), quando os pecuaristas passam a “fechar” os animais nos períodos de seca, temporada em que as pastagens se encontram enfraquecidas. Para além de uma solução ao problema das pastagens, o confinamento insere-se em um processo de aceleração do trabalho de humanos e redução do tempo de vida dos animais. A combinação de melhoramento genético e manejo alimentar, focado na suplementação através de minerais e na administração de alimentos calóricos como o milho e a soja, permitem ao produtor abater seus animais em um tempo drasticamente reduzido. Se em um modelo de pecuária tradicional, para usar o termo de uma das zootecnistas com a qual conversei em campo, um boi levava mais de quatro ou cinco anos para “ficar pronto”, ou seja, com a idade e o peso considerados ideais para o abate, através da suplementação a pasto e do beneficiamento das pastagens, bem como do melhoramento genético do rebanho, um boi pode ser abatido com cerca de dois anos ou menos. Quando confinado, a idade de abate pode ser reduzida para cerca de 12 meses.

A terminação em confinamento tornou-se uma alternativa que permite aos produtores acelerar o processo de engorda dos animais em um espaço reduzido em relação ao pasto. Embora mais suscetíveis às oscilações do mercado – em função da necessidade da compra de insumos e de alimentos como a soja e o milho, e dos próprios animais, muitas vezes oriundos de outras

fazendas – os confinamentos de gado no Brasil representam cerca de 10% dos animais abatidos em território nacional, 3,6 milhões em números absolutos no ano de 2014<sup>14</sup>.

Para os vaqueiros, o trabalho com o gado também se transforma entre as pastagens e o confinamento. Em sua maioria preferem trabalhar no campo e *dar rodeio*<sup>15</sup> no gado, isto é, vistoriar as condições de saúde dos animais, laçando aqueles que precisam ser curados, seja de uma miíase<sup>16</sup> ou de alguma enfermidade mais severa. O trabalho no confinamento é mais *apurado*, como me diziam, pois é intensa a rotatividade do rebanho. Por este motivo também são mais frequentes os trabalhos de curral, em que os bois são marcados, vacinados e cadastrados. Os trabalhos de curral são considerados mais maçantes e tediosos que aqueles realizados nas pastagens, onde os vaqueiros gozam de maior liberdade e há mais novidades que sob o telhado do curral e os trabalhos repetitivos ali realizados. O número elevado de animais em um espaço reduzido em relação às pastagens, soma-se a problemas que se aprofundam no contexto do confinamento, como o surgimento dos refugos de cocho (bois que se recusam a se alimentar da dieta ofertada em confinamento)<sup>17</sup>, as quedas de bois em cochos e bebedouros, e os constantes “derrames” (escapes) de gado entre um piquete e outro também tornam o trabalho do vaqueiro mais intenso do que aquele desenvolvido nas áreas de pastagem.

A necessidade de agilidade e eficiência percebidos no trabalho diário no confinamento lembra o trabalho em uma linha de produção: “*hoje precisamos trabalhar 300 animais*”, avisaram-me certo dia. Nos finais de semana e feriados o trabalho continua, ainda que com equipes reduzidas e revezadas. Por estarem presos em um ambiente sem fonte de água e comida, os bois e as vacas em confinamento são totalmente dependentes dos humanos para comer e beber. Em uma conversa que tive com Paulo<sup>18</sup>, gerente da unidade, sobre minha percepção de que a “fazenda não parava nunca”, disse-me que eram os bois que ditavam esse ritmo acelerado: *como eles ficariam sem água e sem comida? Quem os assistiria em caso de necessidade?* Não é possível esquecer assim, o fato de

<sup>14</sup> Conforme informações do portal Rural Centro (2014), especializado em notícias do agronegócio.

<sup>15</sup> De acordo com o protocolo de bem-estar animal adotado pela fazenda, os latidos e as mordidas dos cachorros configuram uma fonte de estresse para o gado e, sendo assim, a criação e uso de cachorros nas lidas de campo, de confinamento ou de curral foram proibidas na fazenda. O laço e o cavalo (ou as mulas e os burros) são, entretanto, elementos ainda presentes e considerados indispensáveis para o trabalho com o gado pelos vaqueiros. O uso da força se perpetua como uma marca dessa relação, embora a violência deliberada para com os animais seja por vezes motivo de crítica entre os próprios vaqueiros. Kosby & Silva (2013), em seu estudo sobre os modos de fazer pecuária no Pampa gaúcho, percebem que há uma dificuldade por parte de pecuaristas que implantaram o sistema de manejo rotativo de pastagens, em encontrar mão de obra disposta a abdicar da dominação violenta do gado por meio do laço e do cavalo. Esse paralelo, ao mesmo tempo que demonstra certa permanência da dominação bruta dos animais de criação, aponta para a transformação do mesmo parâmetro, uma vez que nos dois casos, ainda que por motivos diferentes, é exigido dos trabalhadores uma mudança nas suas formas de relação com os animais.

<sup>16</sup> A miíase é popularmente conhecida como bicheira e caracteriza-se pela invasão de uma mosca hematófaga, como a mosca-varejeira, sobre a pele dos animais.

<sup>17</sup> Os refugos de cocho são reconhecidos pelo comportamento solitário, pois eles permanecem nos fundos do piquete e pouco se aproximam dos cochos em que a ração é distribuída. Os refugos de cocho são retirados do confinamento e encaminhados para pastagens de apoio que se localizam nas adjacências do confinamento. A eles, além do capim, é ofertada também a ração e na medida em que passam a se alimentar dela também, os bois podem retornar ao confinamento.

<sup>18</sup> Utilizo nomes fictícios para todos os interlocutores que aparecem neste artigo.

que se está trabalhando com seres vivos que também impõem seu ritmo, não só ao trabalho, como também ao descanso dos humanos. Bois e humanos compartilham aqui a situação do confinamento, caracterizada pelo controle rigoroso das condições de trabalho de humanos e animais.

Na unidade de confinamento em que permaneci, cerca de 10 mil bois das raças Nelore, Angus, Aberdeen e Hereford<sup>19</sup> (e cruzamentos) vivem por cerca de 100 dias antes de irem para o frigorífico. Este espaço é projetado para os animais ganharem peso rápido: a estimativa é que um animal possa ganhar até 1,8 kg por dia de confinamento. Neste espaço permanecem os animais em fase de terminação<sup>20</sup>, sobretudo nos períodos de seca.

O ritmo das atividades é acelerado. Caminhões carregados de soja, milho ou bagaço de cana<sup>21</sup> entram diariamente na fazenda e abastecem a fábrica de ração. Nos caminhões também chegam os bois e algumas vacas<sup>22</sup>, menos numerosas em função de não serem “ideais” para o confinamento – sua *taxa de conversão*, ou seja, a quantidade de ração ingerida para ser transformada em carne é maior que a dos machos, ou seja, as vacas precisam comer mais para ganhar o mesmo peso que um boi em um período de tempo determinado. Os caminhões são rigorosamente pesados ao entrar e ao sair da fazenda e os motoristas têm seus nomes e dados profissionais cadastrados em programas de computador.

Na fazenda trabalham seis vaqueiros, responsáveis pelo manejo das 10 mil cabeças de gado que estavam lá à época. Esse número aumenta para cerca de 15 mil quando o confinamento atinge sua capacidade máxima. Pensando-se proporcionalmente, são cerca de 1700 bois para cada vaqueiro. As atividades na fazenda são setorizadas, e há equipes diferentes responsáveis pelas diversas atividades: a equipe de infraestrutura, de tratadores, os lavadores dos bebedouros, os trabalhadores da fábrica de ração, os tratoristas, os porteiros. Cada uma das equipes possui um encarregado, que dispõe de um rádio para se comunicar com os demais colegas. Esse rádio é fundamental para a passagem de recados e avisos entre os diversos setores, especialmente quando algum animal é avistado com algum ferimento ou problema de saúde.

Todos os bois e vacas que entram na fazenda precisam passar pelos procedimentos de cadastramento, marcação e vacinação, os quais são realizados no espaço do curral. O cadastramento

---

<sup>19</sup> O gado da raça Nelore é vasta maioria, embora haja um discurso entre os zootecnistas e veterinários na fazenda de que animais de raças europeias como Angus e Aberdeen ganhem peso mais rápido, que é o objetivo do confinamento. Além disso, a carne originada de animais da raça Angus tem um valor de mercado mais elevado.

<sup>20</sup> A pecuária de corte brasileira organiza-se em três diferentes fases: cria, recria e engorda. A fase de cria corresponde ao período de reprodução, crescimento e desmama do bezerro; a fase de recria compreende o período que vai da desmama à reprodução – para o caso das fêmeas, e da desmama ao início da engorda no caso dos machos. A engorda é o período em que os animais são “terminados”, “acabados”, quando eles são alimentados de forma intensiva nos confinamentos, ou ainda, extensivamente nas pastagens.

<sup>21</sup> São os principais ingredientes da dieta animal, além do suplemento mineral fornecido por uma empresa de nutrição animal. Uma combinação de cálcio, fósforo, sódio, zinco, magnésio, iodo, cobalto, manganês, cobre, enxofre, entre outros minerais, formam a base desse suplemento.

<sup>22</sup> Um documento chamado GTA – Guia de Trânsito Animal – é utilizado como controle da movimentação de animais, tanto entre as fazendas, quanto das fazendas para o frigorífico. O motorista boiadeiro, como é peculiarmente chamado o motorista de caminhão que transporta bois em seu veículo, deve permanecer com este documento em todos os seus roteiros.

consiste na colocação de brincos de rastreabilidade<sup>23</sup>, que apresentam um número e um código de barras. Os dados de cada animal, como idade, peso, vacinas administradas e as datas desses procedimentos ficam armazenadas em um *software* chamado *Data Collection*, um programa de computador especialmente desenvolvido para o controle do rebanho. Há ainda o “brinco de piquete” ou “brinco de manejo”, colocado em todos os animais que formam um lote e compartilham do mesmo cocho. Esse procedimento de colocar os brincos nos animais é também chamado de brincar. O gado é também marcado com ferro quente, e as marcas são diversas. Há uma marca com o símbolo da fazenda; outra que combina o ano (sinalizado por uma letra) e o mês do nascimento (representado por seu próprio número); outra marca indicando a origem dos animais: se foram *comprados* de outra fazenda, se são originários de uma *parceria* com outro criador ou ainda se são *crioulos*, ou seja, nascidos na da própria fazenda<sup>24</sup>. Essas marcas são feitas na parte superior das pernas ou “traseiro”, no cupim<sup>25</sup> e ainda na parte interna das orelhas dos animais. Esses são os principais dispositivos de identificação dos animais e parcela importante do que na fazenda é chamado de “trabalhar os animais”. Somam-se à identificação os cuidados sanitários, que consistem na aplicação de vacinas contra doenças como carbúnculo e botulismo, bem como a administração do complexo vitamínico ADE, que contribui na preparação do organismo dos animais à nova dieta que receberão pelos próximos meses.

Todos esses processos acontecem, por vezes, simultaneamente no espaço do curral. Todos os animais passam por ali, é sua entrada na fazenda e sua saída dela também. É nele que os caminhões e carretas encostam para desembarcar o gado que chega e embarcar os bois que vão para o frigorífico. E foi também ali que passei grande parte do tempo conversando e trabalhando<sup>26</sup> com os vaqueiros e com o gado.

### **Trabalhar os animais, trabalhar *com* os animais**

Em minha primeira visita à fazenda, o gerente-geral levou-me para conhecer o confinamento, explicando-me como os animais eram alimentados, os projetos de expansão e de cobertura dos piquetes, as diferenças entre as raças ali criadas etc. Em certo momento, parou abruptamente a caminhonete em que andávamos e apontou para um boi, dizendo: “*olha lá Graciela, aquele boi está morto!*”. Coloquei a mão na maçaneta e já dizia para chamarmos o veterinário para ver o que

<sup>23</sup> Trata-se do Serviço de Rastreabilidade da Cadeia Produtiva de Bovinos e Bubalinos (SISBOV), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Esse sistema visa o acompanhamento e controle individual dos animais, desde o nascimento até o abate, apresentando informações sobre movimentação geográfica, tratamentos de saúde, idade e peso. Não é obrigatório para a criação de animais no Brasil, mas é obrigatório para aqueles pecuaristas que desejam exportar carne para mercados como a União Europeia e o Chile.

<sup>24</sup> A unidade de cria, onde nascem esses filhotes está localizada em outro município, distante cerca de 750 km dali. Assim que os bezerros são desmamados (com cerca de 8 meses), eles são trazidos para a unidade de recria, que corresponde à fazenda vizinha, de propriedade do mesmo grupo empresarial para, finalmente, chegar à unidade de engorda.

<sup>25</sup> O cupim é uma protuberância localizada atrás da cabeça dos bois (nas vacas ele é menor) e é uma característica da raça Nelore.

<sup>26</sup> Já na primeira semana de campo foi-me emprestada uma bandeira de manejo, com a qual eu ensaiava o trabalho de *afinar* os animais, conduzindo-os pelos corredores do curral. Esta acabou sendo uma atividade quase cotidiana e, com o passar do tempo, havia já uma bandeirinha separada para mim.

aconteciam, quando seus risos me interromperam. Descemos da caminhonete e o boi se moveu, levantou-se e ficou nos olhando. Renato então me explicou que aquele era um comportamento típico de animais em condições de bem-estar: ele apenas dormia profundamente, provavelmente após ter se alimentado e ruminado bastante bem. Isso era consequência, seguia ele, do manejo racional e dos cuidados que lá se tem para com os animais. Meu olhar não treinado e pouco habituado ao universo das fazendas e dos confinamentos de gado de corte foi aqui motivo de piadas.

Nos piquetes de confinamento, os bois atravessam as horas comendo ração, bebendo água, ruminando e dormindo. Tal é o comportamento esperado para animais considerados em condições de bem-estar. Por seu turno, brigas, animais agitados e sodomia<sup>27</sup> são comportamentos que alertam os técnicos e vaqueiros para bois e vacas cujo bem-estar corre perigo. Um dos focos dos treinamentos em bem-estar animal é justamente uma educação do olhar, que deve reconhecer as situações desfavoráveis aos animais, ou seja, aquelas que lhes causem sofrimento e dor:

[...] é necessária a **modificação na forma de perceber os animais**, pelos colaboradores, não apenas como um produto de valor comercial, mas sim como **seres sencientes**, ou seja, com capacidade de sofrer, sentir dor, prazer, satisfação. (Ludtke, Ciocca, Dandin, Barbalho, Vilela & Ferrarini 2012: 17, grifo do autor)<sup>28</sup>.

A relação entre os animais e os humanos que com eles trabalham é capítulo importante nas discussões de bem-estar animal no meio científico e nas políticas públicas destinadas a sua implantação<sup>29</sup>. Além das melhorias técnicas nas instalações, “[...] a relação com os humanos

<sup>27</sup> A sodomia é percebida como um dos grandes problemas do confinamento de gado de corte, a ser remediado por medidas de bem-estar animal e pela administração de substâncias homeopáticas que visam reduzir a virilidade desses bois. A sodomia acontece quando um grupo de bois monta em um ou mais animais do lote, manifestando o que é considerado um comportamento agressivo e potencialmente causador de lesões nas *carcaças*. Aconselha-se que animais de origem diferente não sejam misturados num mesmo lote, pois a entrada de um “estranho” no grupo pode desencadear comportamentos de sodomia. Carcaça é o corpo do animal abatido, sem o couro, a cabeça e as vísceras. A carne é fruto do processamento posterior, quando a carcaça é cortada em pedaços menores destinados à alimentação.

<sup>28</sup> Como demonstrou Wilkie (2010: 123), uma linha tênue separa uma visão dos animais enquanto ferramentas/objetos na engrenagem pecuária e sua percepção enquanto seres sencientes: “*I use the term ‘sentient commodity’ to draw attention to the ambiguous and shifting perceived status of livestock and people’s cognitive and emotional attempts to negotiate this fine line in practice.*” Os animais de produção são commodities atípicas, que gozam de um estatuto ambíguo, em sua visão.

<sup>29</sup> Manejo é a expressão utilizada para definir o trabalho de humanos com os animais de produção, e um manejo racional dos animais é a meta a ser alcançada pelos cursos de bem-estar animal. Ao lado dos melhoramentos genético e nutricional, a interação entre humanos e animais através da ideia de manejo pode ser pensada também a partir das discussões em torno do tema da domesticação. Em defesa de um conceito menos “cristalizante” de domesticação que aqueles utilizados em certos estudos de arqueologia, Jean-Pierre Digard (1988) defende a noção de “sistema domesticatório”, ponderando que cada época desenvolve seus próprios mecanismos de produção e utilização dos animais. O manejo racional, dentro da pecuária industrial, poderia ser pensado como um desses mecanismos, o que exigiria, entretanto, reflexões mais aprofundadas que vão além das pretensões deste artigo. Além da coletânea organizada por Cassidy & Mulin (2007) *Where the wild things are now: domestication reconsidered*, os estudos de Vinciane Despret (2004: 122), que pensa a domesticação nos termos de uma antropo-zoo-gênese – em linhas gerais, uma prática que constrói tanto animais humanos quanto não-humanos – são referências inovadoras para se pensar a domesticação em matéria de práticas racionais no âmbito do bem-estar animal.

com quem interagem é um dos aspectos dos sistemas de criação que afeta a saúde e o bem-estar dos animais” (Honoratto, Hötzel, Gomes, Silveira & Machado Filho 2012: 333). Partindo de diagnósticos como esse, a relação que motoristas boiadeiros<sup>30</sup>, manejadores, tratadores e peões mantêm com os animais são alvos de parcela importante das instruções dos manuais distribuídos pelo MAPA e das preocupações dos veterinários e zootecnistas comprometidos com o bem-estar animal. Percebe-se o reconhecimento, por parte de seus defensores, que avanços em pesquisa genética, que cria animais mais precoces e provedores de uma carne mais macia, precisam andar lado a lado com um tratamento positivo dos animais: “[...] observa-se que não basta ter a melhor genética, a alta produtividade, a nutrição equilibrada e de boa qualidade, se o manejo com os animais está sendo incorreto.” (Oliveira, Bortolli & Barcellos 2008: 292).

O olhar é, assim, um sentido fundamental para os trabalhadores da fazenda. “No olho” determina-se o peso de um boi, percebem-se possíveis *brabezas*, verificam-se as falhas na estrutura que prejudicam e atrasam o trabalho, avalia-se se a ração está sendo ou não bem recebida pelos animais, detectam-se doenças etc. E é preciso do olhar de todos ali para engordar o gado: todos os funcionários da fazenda devem estar atentos a qualquer movimentação incomum entre o gado e alertas para o seu bem-estar.

Estar atento aos sinais que o gado dá é parcela importante do trabalho dos vaqueiros, tanto nos afazeres do curral, quanto nos afazeres de campo, de tocar boiada e dar rodeio, vistoriando as condições de saúde do gado que está no pasto e nos piquetes do confinamento. As condições de saúde do gado são observadas de perto pelos vaqueiros que, nas rondas diárias pelo confinamento, verificam atentamente a existência de ferimentos nos bois e os comportamentos que podem manifestar doenças, reconduzindo aos seus piquetes aqueles animais que escaparam de seus respectivos cercados. *Falar* com os animais descobri imediatamente ser não apenas uma necessidade do trabalho com os animais, como uma exigência. Para Cássio, qualquer pessoa que se aproxima do gado deve falar com ele, deve avisar ao gado que não é um predador<sup>31</sup>, “*quem chega silencioso é a onça*”, disse-me ele. E o tom deve ser grave, jamais agudo. Com ambas entonações o gado se movimenta, mas o último assusta, enquanto o primeiro é familiar e não agressivo. Essa orientação, oriunda dos cursos de bem-estar animal, foi especialmente importante para aprender a andar pelas linhas do confinamento. Os bois se assustam com pedestres<sup>32</sup> e uma forma de minimizar o possível estresse desse encontro é falar com eles. “*Êêêê, oba, oba; vem, vem*” são algumas das expressões que me acostumei a dirigir ao gado quando me aproximava deles. Fala-se muito em habituação e costume: o gado estaria acostumado apenas com tratores, que levam a sua comida, com humanos montados em cavalos, humanos nas motocicletas, mas não humanos andando a pé à sua volta.

<sup>30</sup> Designação que recebem os motoristas de caminhão que transportam animais de produção ainda vivos.

<sup>31</sup> Percebe-se que o animal humano, apesar de efetivamente matar os animais, não é considerado predador.

<sup>32</sup> Tratores, motocicletas, caminhonetes e, especialmente, humanos a cavalo não assustam os bois como humanos pedestres o fazem. Ainda na primeira semana de trabalho de campo, logo cedo pela manhã, fui ao encontro dos vaqueiros que traziam uma boiada do campo para ser trabalhada no curral. Inadvertidamente posicionei-me ao lado de uma porteira e fiquei olhando a aproximação da comitiva. Em certo momento, quando estavam mais próximos, a boiada estancou e ficou me olhando atentamente. João então veio ao meu encontro e pediu que eu saísse dali, pois, caso contrário, os bois não andariam. Eles haviam se assustado com a minha presença, ainda que razoavelmente camuflada pela grossa porteira e pela cerca que nos separava.

Somado ao treinamento dos vaqueiros, novas tecnologias, tecnologias de bem-estar animal, também são testadas e experimentadas na fazenda. O tronco de contenção por eles utilizado é tido com dos mais *modernos*, pois faz pouco barulho – o barulho é considerado um fator estressante – e necessita de apenas um vaqueiro para operá-lo, através de alavancas. A fabricante desta máquina ostenta o seguinte slogan: “Manejo Racional e Produtivo”, denunciando a vocação comum – aumentar a produtividade através de métodos não agressivos ou amigáveis – dos dois adjetivos no que se refere a bem-estar animal. O tronco de contenção, como o próprio nome já diz, é uma máquina que objetiva conter bois e vacas para que não se mexam enquanto são vacinados, brincados, marcados, quando são, enfim, trabalhados. É composto de uma *pescoceira*, que se agarra, como o nome sugere, ao pescoço do boi, imobilizando sua cabeça e do *trapézio*, que se ajusta às pernas traseiras do boi, impedindo-o de disparar possíveis coices. Diversas portinholas permitem o acesso localizado ao corpo dos animais, conforme a necessidade dos procedimentos<sup>33</sup>. Estava em período de teste, uma seringa circular, também hidráulica e manejada por alavancas. Esta seringa viria a substituir a antiga, que consiste basicamente no estreito corredor pelo qual os animais passam até chegar ao tronco de contenção. Com esta seringa, afirmavam os gerentes, o trabalho seria otimizado e dispensaria o trabalho de um ou dois vaqueiros que normalmente ficavam na função de, no antigo corredor, afinar os animais. Trata-se de um artefato desenvolvido com “tecnologia em bem-estar animal”, pensada de modo a reduzir o estresse do gado que passa pelo corredor. Medidas mais simples também são tomadas tendo-se em mente o comportamento dos animais. As porteiras, por exemplo, ficam localizadas nas extremidades dos piquetes, não no centro dos cercados. Isto porque a tendência do gado é agrupar-se nos cantos e havendo uma abertura nestas esquinas, eles a utilizam mais facilmente do que se tivessem que ser reunidos no centro dos piquetes, nas margens das cercas.

Nas atividades com o gado, a norma bem-estarista é: “[...] não se deve forçar o animal a fazer algo contra a sua natureza, mas induzi-lo a fazer o que queremos, tornando o manejo mais seguro e eficiente.” (Climeni, Monteiro, Samaroni & Piccinin 2008: 3). “O gado sabe e quer fazer o queremos”, afirma Steve Cote (apud Grandin & Johnson 2010) em “*Stockmanship: a powerful tool for grazing lands management*”. Se o gado “quer” fazer o que os humanos desejam, a violência física contra os animais não é necessária e a brutalidade tida como típica do trabalho com os animais de fazenda deve ser substituída por práticas mais calmas e não agressivas (Paranhos da Costa, Spironelli & Quintiliano 2008).

Trabalhar os animais exige, assim, que se trabalhe *com* eles. Sigo aqui a intuição de Jocelyne Porcher (2014: 2), para quem, o mundo comum de humanos e vacas, no caso aqui analisado, mais bois do que vacas, é o mundo do trabalho: “[...] *it is thanks to work that some aspects of the cow are known to us, and part of ourselves, as human beings, is known to the cow.*” O bem-estar animal se insere nas práticas de conhecimento mútuo, em uma tentativa de transformar as relações tradicionais entre gados e homens, tidas como agressivas e brutais, em relações humanitárias, características de uma pecuária moderna e sustentável (Ludtke, Ciocca, Dandin, Barbalho, Vilela & Ferrarrini 2012). Em função disso, o processo de aprendizagem e o próprio cotidiano de trabalho dos vaqueiros a partir

<sup>33</sup> Dentro do tronco alguns bois berram e se debatem, por vezes, violentamente. Outros parecem aceitar resignados a condição que lhes é ali imposta.

das premissas de bem-estar animal podem ser pensados também como uma “educação da atenção”<sup>34</sup> nos termos de Ingold (2000). O objetivo das capacitações é justamente tornar os trabalhadores “aptos, experientes” a manejar o gado de acordo com novos padrões de engajamentos entre animais humanos e não-humanos, através do olhar, do sentir e, principalmente do experimentar.

A introdução de práticas de bem-estar animal na fazenda, contam os vaqueiros, não foi pacífica e sofreu resistência por parte de vários trabalhadores. Houve mesmo demissões – uma, ao menos –, por incompatibilidades com o novo método de trabalho. Narra o capataz da fazenda, que “antes do bem-estar era tudo na doidura, na pancada mesmo”. Ele próprio via com ceticismo a introdução das bandeiras de manejo e antevia atrasos no trabalho em função da impossibilidade de se bater e gritar com os animais. Entretanto, com o passar do tempo, o capataz se convenceu de que aquela era a melhor forma para se lidar com o gado, por motivos inter-relacionados: não machuca o peão e tampouco o animal e a carne a partir dele produzida. O capataz, ao treinar e apresentar os trabalhos da fazenda aos vaqueiros novatos insiste no tema do bem-estar animal e não vê com bons olhos as tentativas de burlar os seus ensinamentos. O capataz se orgulha e mantém na parede da sala de sua casa a placa que recebeu no estado de São Paulo como reconhecimento por seus trabalhos em bem-estar animal.

As bandeiras de manejo, referidas mais comumente apenas como “bandeirinhas”, substituíram na fazenda a ferramenta chamada choque<sup>35</sup>. Como o nome sugere, o instrumento consiste em uma haste que em uma das extremidades transmite uma descarga elétrica ao ser pressionado contra o corpo dos animais. Seu uso é fonte de sofrimento e dor aos animais, além de danos à sua futura carcaça, como pontuado pelas análises de bem-estar animal. As bandeiras de manejo tem por objetivo funcionar como uma extensão do corpo dos manejadores, haja vista que o gado mantém uma distância dos humanos, a zona de fuga descrita acima. Seu uso visa auxiliar os vaqueiros no trabalho com os animais ao mesmo tempo em que protege os corpos e as carcaças de bois e vacas das lesões decorrentes de um manejo agressivo. Quando balançadas próximas dos bois, na região de suas patas dianteiras e na altura da cabeça, os bois andam para frente. Quando o pano é estendido em frente aos olhos do animal, o objetivo é fazer com que ele interrompa a sua caminhada. A bandeirinha é um dos instrumentos utilizados para fazer bois e vacas agirem de acordo com os objetivos dos manejadores, que devem para tanto, levar em consideração o que seria o comportamento próprio de bois e vacas. Nesse sentido, os vaqueiros são treinados para entender o *comportamento natural* do gado e, no transcorrer de suas atividades, adaptam-no às necessidades do momento. A situação que transcrevo a seguir servirá para pensar essa questão.

Em um dia *apurado* – estavam entrando muitos bois na fazenda, era época de “encher o confinamento”, nos meses de maio e junho, período que corresponde ao início da seca no centro-oeste – o trabalho estava indo devagar demais, todos reclamavam. Os bois empacavam na seringa, alguns davam meia volta e faziam os demais retornarem, outros estavam muito agitados e não chegavam sequer à entrada do corredor de acesso ao tronco. Cássio analisava atentamente aquela situação do alto do mezanino enquanto os demais também discutiam os motivos para a lentidão

<sup>34</sup> A noção de “educação da atenção” desenvolvida por Tim Ingold (2000) tem inspiração na perspectiva da psicologia ecológica tal como desenvolvida por James Gibson na obra “*The ecological approach to visual perception*”, de 1979.

<sup>35</sup> Entretanto, o choque apareceu nas caçambas de todos os caminhões que vi transportarem os animais, à exceção daqueles com destino ao frigorífico. Em função dos danos à futura carcaça, no momento do embarque o choque não era utilizado.

do trabalho. A mansidão dos animais foi a primeira explicação: “*eita gado pirracento!*”, “*como são preguiçosos!*”. Mas isso não explicava tudo e, sobretudo, não solucionava o problema. Levantou-se também a questão da raça: tratava-se de bois de raça europeia, segundo eles, dóceis e calmos demais. Foi então que Cássio sugeriu que havia muito espaço no corredor e propôs que fossem colocados pneus nas laterais para diminuir sua largura e evitar que os bois virassem ali dentro. Mas, além disso, percebeu algo que, conforme me contou, havia aprendido com o bem-estar animal e a palestra de Temple Grandin, que havia assistido há pouco tempo. Havia um pequeno desnível no piso de terra batida do corredor, que formava praticamente um degrau. Com a sombra que também se projetava ali, ele disse que os animais percebiam aquilo como um grande fosso e que recuavam por não saberem onde pisariam. Uma pá carregadeira trouxe terra que cobriu o buraco e nivelou o terreno. Os pneus foram amarrados com cordas nas laterais do corredor e, feitas essas melhorias improvisadas, a dinâmica do trabalho mudou. Os bois caminhavam mais “tranquilamente” no corredor estreitado e poucos, em raros momentos, empacavam ou se mostravam agitados<sup>36</sup>. Explicando-me a respeito do comportamento dos bois enquanto trabalhávamos no curral, Cássio disse-me que “*é que nem gente: tu vai ver uns mais estressados, uns melhor de lidar, uns mais difíceis*”. Os bois amuados, aqueles que deitam, empacam e não querem andar, são assemelhados a crianças, que se chateiam e fazem *birra*. O temperamento mais exacerbado de alguns permite que sejam reconhecidos em meio a um grande lote: “*esse aí* (apontam para o boi) *é aquele doidão*”.

Aparecem aí os *brabezas*, como são chamados os bois (ou vacas) que se negam a andar pelos corredores do curral e ameaçam atacar os vaqueiros que tentam conduzi-los. Alguns chegam a pular os muros da seringa, que tem aproximadamente dois metros de altura, estouram as porteiras, arrebatando suas grossas tábuas. Esses são os bichos “difíceis”, que “atrasam o serviço” e “cansam o peão”. A primeira providência é separar os brabezas de seus companheiros de lote. O curral é equipado com duas entradas de animais e, uma delas, costumeiramente, fica vazia. O brabeza é então apartado para esta área e espera-se que ele se acalme ali. Os demais animais seguem seu caminho pela seringa e pelo tronco. Ao término do cadastramento (ou pesagem ou vacinação etc) de um lote, tenta-se passar o brabeza pelo tronco com os costumeiros de “vem vem”, “eira eira”, “boi boi” e a bandeira. Quando estes métodos não funcionam, pega-se um saco de ração, que é furado na altura do focinho que é colocado em sua cabeça para que ele não enxergue. Com alguns gritos e tapas em seu traseiro ele anda pra frente e segue seu caminho rumo ao tronco. Esse procedimento não é realizado quando os animais vão para o frigorífico. Se há algum brabeza no lote com destino ao matadouro, ele “fica pra próxima”, pois é indesejável que sua *carcaça* seja machucada em função da perda de valor monetário que isso representa.

Esse cenário de trabalho intenso e dedicação exclusiva, de bois brabezas e de bois amuados, que irrompem em fúria ou se detêm imobilizados, compõe parte do cotidiano da lida com os animais em um confinamento. Na pecuária industrial, eficiência e lucratividade são as palavras-chave e é somente dentro desse contexto que o bem-estar animal pode ser entendido. A ideia de que “um trabalhador [humano] saudável e feliz é um trabalhador produtivo” (Fraser 2012: 96-97) parece-me transposta agora aos animais:

[...] visto sob as lentes do Industrialismo, os animais são atores em um papel *praticamente* análogo àquele dos trabalhadores dos sistemas eficientes de produção.

<sup>36</sup> Um corredor estreitado é considerado mais positivo aos animais do que um corredor largo. Suas paredes não devem ser vazadas, a fim de que os animais não sejam estimulados por elementos e acontecimentos externos.

Dar atenção ao bem-estar dos animais em tais sistemas é a coisa certa a fazer por razões práticas, como também por razões éticas. De fato, um animal saudável cujas necessidades são bem atendidas será um animal produtivo. E a maneira de fazer os animais mais saudáveis e produtivos não é obtida pelo retorno às vicissitudes e ineficiências da natureza, mas sim por meio da aplicação racional da ciência e da tecnologia. (Fraser 2012: 96-97, grifo nosso).

Pode-se argumentar assim, que para se trabalhar o gado – cadastrá-los, vaciná-los, brincá-los etc – é preciso que os vaqueiros trabalhem *com* o gado, prestando atenção nos seus movimentos, nos seus sinais, enfim, na sua linguagem. As premissas de bem-estar animal, advindas dos cursos de capacitação, influenciam nessa espécie de comunicação interespecífica, sempre balizada pelas exigências de rapidez e eficiência, típicas do trabalho industrial. As medidas de bem-estar animal nas fazendas de criação de gado de corte são vinculadas à racionalização do tempo e do espaço e à intensificação dos mecanismos de controle da pecuária industrial. Embora sejam apresentadas como tentativas de resistência a um modelo de exploração extrema da vida dos animais, as medidas de bem-estar animal participam do mesmo sistema que legitima o tratamento de animais como recursos. Uma observação importante é que se trabalhando nos moldes de bem-estar animal o trabalho “rende” mais: entendendo-se os animais é possível fazê-los cooperarem, ou ainda é possível “enganá-los” sem que seja necessário o uso da força física (ou, pelo menos, que se use de menos agressividade).

## Referências

- BRAMBELL, Francis W. R. 1965. *Report of the Technical Committee to Enquire into the Welfare of Animals Kept Under Intensive Livestock Husbandry Systems*. London: Her Majesty's Stationery Office.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. 2012. *Bem-estar animal no Brasil*. Brasília: MAPA. Disponível em: <[http://www.agricultura.gov.br/arq\\_editor/file/Aniamal/Bemestar-animal/folder%20BEA%20versao%202012%20-%2009\\_05\\_2013.pdf](http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/Aniamal/Bemestar-animal/folder%20BEA%20versao%202012%20-%2009_05_2013.pdf)>. Acesso em: 06 dez. 2014.
- BROOM, Donald M. 1991. “Animal welfare: concepts and measurement”. *Journal of Animal Science*, 69:4167-4175.
- \_\_\_\_\_. 2005. “Animal welfare: the concept of the issues”. In: F. L. Dollins, *Attitudes to animals: views in animal welfare*. New York: Cambridge University Press. pp. 129-142.
- CASSIDY, Rebecca; MULLIN, Molly (org.). 2007. *Where the wild things are now: domestication reconsidered*. New York: Berg.
- CHIAPPINI, Gabriel. 2014. “Menos sofrimento, mais lucro”. *A Lavoura*, 117(701):16-25.
- CLIMENI, Bruno S. O.; MONTEIRO, Marcos V.; SAMARONI, Mayco; PICCININ, Adriana. 2008. “Interpretação da linguagem dos animais para manutenção do bem-estar animal”. *Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária*, 6(10).

COSTA, Mateus J. R. P.; ROSA, Marcelo S. 2009. “Contribuição dos estudos de comportamento de bovinos leiteiros para melhorar o bem-estar nas fazendas”. Disponível em: <[http://www.infobibos.com/Artigos/2009\\_3/comportamento/index.htm](http://www.infobibos.com/Artigos/2009_3/comportamento/index.htm)>. Acesso em: 27 nov. 2014.

D’ALMEIDA, Carolina A. 2012. “Exploração ecologicamente correta?! Reflexões sobre as políticas bem estaristas do capitalismo verde”. In: *III Encontro Internacional de Ciências Sociais – Crise e Emergência de Novas Dinâmicas Sociais. II Encontro Internacional de Ciências Sociais – As Ciências Sociais e os Desafios do séc. XXI*. Pelotas: Ed. Universitária UFPel. Vol. 3.

DESPRET, Vinciane. 2004. “The body we care for: figures of anthropo-zoo-genesis”. *Body Society*, 10:111-134.

DIGARD, Jean-Pierre. 1988. “Jalons pour une anthropologie de la domestication animale”. *L’Homme*, 28(108):27-58.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA. 1999. *Conhecendo a carne que você consome: qualidade da carne bovina*. Campo Grande: Embrapa Gado de Corte. (Embrapa Gado de Corte. Documentos, 77). Disponível em: <[https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Repositorio/qualidadecarnebovina\\_000fecp298c02wx5eo006u55t1jcnus5.pdf](https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Repositorio/qualidadecarnebovina_000fecp298c02wx5eo006u55t1jcnus5.pdf)>. Acesso em: 08 abr. 2016.

FRASER, David. 2012. *Compreendendo o bem-estar animal: a ciência no seu contexto cultural*. Londrina: Eduel.

GRANDIN, Temple; JOHNSON, Catherine. 2010. *O bem-estar dos animais: proposta de uma vida melhor para todos os bichos*. Rio de Janeiro: Rocco.

HONORATO, Luciana A.; HÖTZEL, Maria J.; GOMES, Carla C. M.; SILVEIRA, Isabella D. B.; MACHADO FILHO, Luiz C. P. 2012. “Particularidades relevantes da interação humano-animal para o bem-estar e produtividade de vacas leiteiras”. *Ciência Rural*, 42(2):332-339.

INGOLD, Tim. 2000. *The perceptions of environment: essays on livelihood, dwelling, and skill*. New York: Routledge.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. 2012. *Produção da pecuária municipal*. Rio de Janeiro. Vol. 40.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. 2014. *Estatística da produção pecuária*. Rio de Janeiro.

KIRK, Robert. 2014. “The invention of the ‘Stressed Animal’ and the development of a science of animal welfare, 1947-86”. In: D. Cantor & E. Ramsden (eds.), *Stress, shock, and adaptation in the Twentieth Century*. Rochester (NY): University of Rochester Press. pp. 241-263.

KOSBY, Marília F.; SILVA, Liza B. M. 2013. INRC – Lidas campeiras na região de Bagé/RS: inventário dos ofícios e modos de fazer da pecuária no Pampa. *Revista Perspectivas Sociais*, 2(1):2-14.

LEAL, Natacha S. 2011. “‘Touros de genética, touros de genealogia’: controvérsias da pecuária brasileira”. *Periféria*, 15:1-20.

- \_\_\_\_\_. 2014. *Nome aos bois: zebus e zebuzeiros em uma pecuária brasileira de elite*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.
- LUDTKE, Charli B.; CIOCCA, José R. P.; DANDIN, Tatiane; BARBALHO, Patrícia C.; VILELA, Juliana A.; FERRARRINI, Carla. 2012. *Abate humanitário de bovinos*. Rio de Janeiro: WSPA.
- MOLENTO, Carla F. M. 2005. “Bem-estar e produção animal: aspectos econômicos – revisão”. *Archives of Veterinary Science*, 10(1):1-11.
- MOREIRA, Saulo A.; THOMÉ, Karim M.; FERREIRA, Polyanna S.; BOTELHO FILHO, Flávia B. 2009. “Análise econômica da terminação de gado de corte em confinamento dentro da dinâmica de uma propriedade agrícola”. *Custos e @gronegocio on line*, 5(3):132-152.
- OLIVEIRA, Carolina B.; BORTOLI, Elísio C.; BARCELLOS, Júlio O. J. 2008. “Diferenciação por qualidade da carne bovina: a ótica do bem-estar animal”. *Ciência Rural*, 38(7):2092-2096.
- PARANHOS DA COSTA, Mateus J. R.; SPIRONELLI, Ana L. G.; QUINTILIANO, Murilo H. 2008. *Boas práticas de manejo: embarque*. Jaboticabal: Funep.
- PORCHER, Jocelyne. 2004. “‘Você liga demais para os sentimentos’ ‘Bem-estar animal’, repressão da afetividade, sofrimento dos pecuaristas”. *Produção*, 14(3): 35-44.
- \_\_\_\_\_. 2014. “The work of animals: a challenge for social sciences”. *Humanimalia*, 6(1):1-9.
- RURAL CENTRO. 2014. *Confinamento de gado de corte em 2014: pesquisador dá dicas*. Disponível em: <<http://ruralcentro.uol.com.br/noticias/confinamento-de-gado-de-corte-em-2014-pesquisador-da-dicas-78214>>. Acesso em: 27 nov. 2014.
- \_\_\_\_\_. 2013. “Os animais de produção, novos corpos-que-sofrem: morte, sofrimento e a profissionalização do bem-estar no contexto da pecuária de corte brasileira”. In: *V Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia (APA) – Antropologia em Contraponto*. Vila Real (Portugal).
- TOSCHI MACIEL, Carolina. 2009. *Bem-estar animal: desafios sociais de um termo em construção*. Dissertação de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.
- WILKIE, Rhoda M. 2010. *Livestock/Deadstock: working with farm animals from birth to slaughter*. Philadelphia: Temple University Press.

Recebido em Março 13, 2015

Aceito em Outubro 31, 2015